

O USO QUE FAÇO DO BRAILLE»

na vida diária, na correspondência, no lazer, na profissão

ISIDRO E. RODRIGUES

* * *

Recuperando um documento que em Agosto de 2003 edifiquei para ser presente num seminário que a Comissão de Braille então vigente realizou em Viseu, no Hotel Ónix, achei por bem reformulá-lo, ainda que mantendo no essencial a mensagem que ele pretendeu transmitir a um público restrito, ou seja, às escassas dezenas de participantes nesse evento, e, não desvirtuando a mensagem nele veiculada, afeiçoei-lhe a estrutura, o colorido e, porque não, relevei-lhe conteúdos por forma a despertar um significativo nível de adesão dos que ainda concedem à problemática concernente à deficiência visual um apreciável interesse.

Hoje, como então, o propósito de dissertar sobre temas de teor similar, afigura-se-me, no primeiro momento em que abordo a matéria, que ele é indubitavelmente irrelevante, que para se obter o produto desejável, bastará seleccionar algumas questões e tecer sobre elas as considerações que naturalmente as mesmas suscitam.

Porém, ao progredir na reflexão, ao tentar estabelecer as linhas condutoras do meu raciocínio, ao ajuizar os pontos-chave em que pretendo alicerçar a minha exposição, verifico que a irrelevância não é um facto assim tão constatável, que a problemática

emergente pode revestir-se mesmo de uma complexidade não detectável no contacto inicial.

À medida que analiso, na perspectiva de um outsider, os presumíveis critérios que terão presidido à elaboração do programa orientador dos trabalhos realizados nesse seminário, avoluma-se na minha mente a questão decorrente do facto de se ter optado pelo escalonamento dos participantes segundo as suas idades e não, designadamente, segundo as épocas em que fora feita a respectiva escolarização, o sistema de ensino frequentado ou os *curricula* então em vigor.

Na minha perspectiva (e perdoem-me os que pensam de modo diverso, os que com dedicação e saber conceberam e organizaram esse louvável evento), não é significativo, no que concerne ao modo como o sujeito utiliza o Braille, ao aproveitamento que colhe do seu uso, o facto de o actor *A* ter 51 anos e o *B* ter 61 ou 41 anos. Um indivíduo, exercendo as mesmas funções profissionais que um outro, tendo tido o mesmo tipo de formação que o seu colega de trabalho e iguais oportunidades de desenvolvimento, fará, seguramente, semelhante uso do sistema que o habilita a ler ou a escrever qualquer tipo de expressão literária na sua língua ou noutras (se as tiver aprendido), que lhe dá acesso ao mundo das ciências (se tiver aprendido a dominar os respectivos códigos), que lhe permite o usufruto da arte musical, e isto tudo independentemente de ser mais velho 10 anos ou mais novo 15 ou 17, por exemplo.

Ora, com toda a certeza, já significativas diferenças existem no modo de usar o Sistema Braille, entre os que o aprenderam cuidadosa e aprofundadamente e os que foram mentalizados para dele se socorrerem apenas subsidiariamente; os que dele se serviram para estudar música (extremamente exigente no que concerne ao adestramento táctil), matemáticas e outros ramos das ciências e os que foram mentalizados para, sempre que possível, darem preferência ao recurso ao sentido da audição em detrimento do tacto; entre quem estudou em exigentes estabelecimentos de ensino e quem sempre teve tudo facilitado; entre aqueles que foram convenientemente apoiados por familiares e técnicos de ensino pedagógica e responsavelmente bem preparados e aqueles que foram deixados entregues à sua pouca sorte de aprendizes a quem bastava aparentar que se proporcionava um ensino integrado e apoiado; entre quem fez a sua escolarização antes da década de sessenta, durante os 14 anos subsequentes, ou de 1974 em diante; entre os

que aprenderam o Sistema Braille em criança ou já quando adultos; os que o têm usado em suporte papel ou informático; os que profissionalmente com ele contactam diariamente ou apenas a ele recorrem como meio de acesso à formação, à cultura, ao lazer, etc.

Com este meu posicionamento face à temática proposta e às razões que alicerçaram a orientação dada à prossecução do conjunto dos painéis que constituíram essa realização tecnicocientífica, não desejo que se instale a ideia, ou até mesmo que se suspeite que tenciono relevar juízos de valor sobre os conceitos preconizados por outros. Isso de modo nenhum, já que entendo que os que idealizaram, com base em estudos prudente e sabiamente meditados esse evento, tinham seguramente fortes e bem fundadas razões para que tudo assim tenha sido programado, para que tudo assim tenha sido executado.

A minha intenção tem tão-somente o objectivo de, por um lado, gerar oportunidades que permitam a todos os participantes em debates desta natureza conhecer claramente, sobre esta matéria, o pensamento dos organizadores, os reais pressupostos em que assentou o edifício teórico que tornou possível a análise de problemáticas tão condicionantes do progredir intelectual das pessoas com deficiência visual, tão marcantes no processo emancipativo rumo à cidadania plena que é desejável ver tornada realidade entre nós e, por outro lado, trazer ao debate questões que, embora candentes, nem sempre correctamente julgadas pelos intervenientes no processo formativo das pessoas com deficiência visual, devem ser desapassionadamente alvos da nossa atenção, requerem um estudo aprofundado, exigem urgente e séria análise por forma a individualizarem-se os elementos componentes das experiências reconhecidamente significativas e, conseqüentemente, a avaliar-se, de cada um desses elementos, o contributo benéfico ou nefasto para o êxito ou inêxito dos cidadãos que têm a particularidade de ser deficientes visuais.

No que concerne ao tema propriamente dito que me foi confiado no evento em foco, ou seja, «O USO QUE FAÇO DO BRAILLE» na vida diária, na correspondência, no lazer, na profissão, poderia, de uma forma abrangente, referir que sou o que o uso do Sistema de Leitura e Escrita Braille gerou em mim, desde 1954, quando tinha 12 anos, até aos dias de hoje, que sou o cidadão que construiu a sua vida essencialmente à custa das facilidades que o uso deste instrumento de vida me propiciou.

Não fora a minha afortunada convivência com este privilegiado meio de acesso ao mundo em que existo e seria eu um analfabeto, acarretando com todas as consequências resultantes desse facto; seria um não-cidadão ignorante, vegetando na dependência da protecção de outrem. Todavia, quiseram os Deuses que o meu percurso de vida fosse, embora não liberto de escolhos e adversidades de natureza diversificada, permanentemente orientado pelo farol do conhecimento que o uso do Braille me permitiu adquirir.

Particularizando, coloco-me a questão acerca do que teria eu sido como estudante, se não tivesse ingressado no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, onde fui ensinado a dominar, em todas as suas vertentes, o Sistema de Leitura e Escrita Braille, onde fui mesmo incentivado a entendê-lo como confortável auto-estrada pela qual seria possível aceder ao conhecimento, factor de êxito, de sucesso de vida.

Recordando tempos já distantes em que foram lançados alicerces e levantados pilares do meu edifício intelectual, seja-me permitido prestar sentida homenagem a todos os seus construtores, desde o vigilante José Pinto (que me iniciou na leitura do Braille) até ao prof. José Charruadas (que exigentemente me ensinou Português e Francês), e passando por Palmira Mendes (que me ensinou a ler, a escrever e a fazer contas), António Ferreira (que foi meu prof. na Terceira e Quarta Classes), a par de António Fernandes, António Mimoso, Américo Santos, Abílio Meireles, Júlio Almada e Joaquim Nunes Pinto, mestres no domínio da formação musical e não esquecendo as Doutoradas Regina, Beatriz, Cármen e Maria Aline, bem como o Dr. Augusto Medina, professores que me transmitiram os saberes necessários para, aos 21 anos, poder sair do ICBR trazendo na bagagem o Curso Geral dos Liceus.

Ora, interiorizada a convicção de que o Braille era a via por excelência para progredir na vida, de que eu era senhor dos meios para consolidar os alicerces, construir pilares de reforço e todo o vigeamento do meu edifício intelectual, bem como para proceder à execução da obra inesgotável dos seus acabamentos, este passou a ser de mim parte integrante e um bem inalienável. Na minha vida diária dele sempre me passei a socorrer para enriquecer o património do conhecimento, para registar factos externos ou mentais, como ideias, pensamentos, raciocínios que a memória poderia não reter por muito

tempo, para ensaiar a elaboração de escritos de teor literário, tecnicocientífico, etc. Na vida de relação com os outros, em termos de comunicação escrita, ele foi, enquanto possível só em suporte papel, o dócil e doce companheiro que, sem barreiras e sem a interposição de outrem, me propiciou, mediante o envio e recepção de correspondência, a convivência com outras pessoas com deficiência visual ou normovisuais a quem o ensinei, e, mais tarde, quando passou a ser realizável em suporte informático, ele derrubou todas as barreiras e fronteiras e garantiu-me a possibilidade de manter, com toda a independência e instantaneidade, o contacto social, amistoso, afectivo, amoroso ou de outra qualquer natureza, também com os que não conhecem o Braille. No lazer, ele foi a larga varanda através da qual contemplei paisagens distantes, países e regiões de todas as latitudes e longitudes, convivi com povos e raças espalhadas pelos quatro cantos do mundo, diverti-me com comédias, farsas, anedotas e outros tipos de manifestações jocosas, em suma, deliciei-me ou emocionei-me com a leitura de novelas, romances, peças dramáticas, admirei grandes vultos que contribuíram para o crescimento e maturação da Humanidade e participei num universo de vivências impossível de, de ânimo leve, quantificar ou qualificar.

E para finalizar, o que dizer sobre o papel que o Braille tem desempenhado nas minhas actividades profissionais? Sem saber ler nem escrever teria eu tido alguma possibilidade de ser professor de Ciências e Letras? Como poderia preparar e efectuar as aulas se não tivesse acesso directo aos livros, se não tivesse a possibilidade de elaborar os planos de aulas e a capacidade de os executar, recorrendo à sua leitura? A resposta para estas questões e outras similares é simples e uma só: o Braille foi o instrumento de trabalho fundamental que tudo viabilizou, que tornou possível o exercício das funções do docente.

E se reconheço que este bom amigo, sempre submissamente pronto a servir sem exigir nada em troca, foi assim tão presente e importante no desempenho das funções do professor, seria de todo inconcebível o não entendimento de que o Braille foi e é o oxigénio indispensável à vida activa do funcionário que fui, durante mais de quatro décadas, num serviço de biblioteca que tem como clientes somente pessoas com deficiência Visual. Sem ele eu não teria a mais microscópica possibilidade de exercer as funções que me foram confiadas. Repetindo um conceito já atrás afirmado, direi, em jeito de conclusão, que de facto fui e sou o que o uso do Sistema de Leitura e Escrita

Braille gerou em mim. A minha vida foi e é a seara nascida da semente lançada à terra pelos meus educadores, seara que cresceu e frutificou graças à qualidade do solo em que germinou e à constante presença do Braille que, fonte de vida como o Sol, lhe forneceu a indispensável força energética.